

3 poemas de Lucas Rolim

(sem título ou I)

a menina-anjo que
sonhei na infância

brinca de carrossel na
roda dos enfeitados

.

o calor das silhuetas
contradiz-se na noite;

a ramagem no escalpo
goteja em silêncio

.

a face encara a triste
vertigem das janelas

e a sapiência da varanda
engolindo meu corpo

antigo

.

sua doce geometria
apalpa nossas línguas

com a violência de um
céu que despenca

do telhado

(sem título ou II)

I

rebeldia:

o instinto venenoso
excita o sadismo dos olhos.

desprezo:

dançamos sobre as máscaras
que vedam as ruínas do abismo.

.

dentro,
o sufoco asfixia os meninos.

fora,
tudo é claridade
se espreitando na pele.

.

engolimos o caos
para o escândalo das massas

e resignação das catracas
ao olhar dos porteiros
e cobradores indecisos.

2

o mapa da cidade é a chave
impressa na carne do asfalto.

.

tarde proibida:

a cegueira no labirinto
e a poesia na leveza das pegadas.

tarde sacra violada:

a raiva franca dos livreiros
é a ponta da lança
beijando os calcanhares.

.

o vento que turva
a crepitação das cabeleiras

aguarda nossos espectros
do lado de fora.

.

encontramos na caverna
o leão de juba negra:

ele ruge em versos o segredo
da posição dos astros;

semeia sonhos transcritos
pelo antigo branco dos dentes.

3

é preciso enganar os portais
e escapar da cúpula.

é preciso fugir para onde os signos
são um mistério indecifrável
na eloquência das Astúrias.

.

o aspecto é banal:

os corações aéreos deslizam
pela quietude do tédio;

queremos
que a madrugada incendiária
engula a próxima calmaria,

odiosamente lamentada de manhã.

(sem título ou III)

a textura do piso suscita perguntas
no toque esquecido das mãos.

meu olho espia flutuando na sala,
por trás do corpo sentado sobre a noite.

·

não saberíamos do calor nem das datas.
não seríamos capazes de um palpite
sobre o sono e o sonho que se avolumam

na coluna infantil.

·

a madrugada é a mãe da afasia e tudo é
incerteza na memória que se resgata em azul

·

compreender o desespero das formas:
sentir sede e não saber o nome da água.

lamber a queda dos calendários:
desenhar o desejo da língua

no gosto seco de tempo.

Lucas Rolim veicula seus poemas através de impressos e publicações artesanais independentes. Autor dos fanzines poéticos *Tetrapoemas* (três volumes, 2015), *Esquizofrenia* (2015) e *No panorama do tempo o menino se alarga* (2016).